

Entendendo o SISA e o contexto das Mudanças Climáticas

Relatório da Oficina

Centro de Formação dos Povos da Floresta

Rio Branco - Acre

Dezembro - 2014



OFICINA: ENTENDENDO O SISA E O CONTEXTO DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Local: Centro de Formação dos Povos da Floresta – Rio Branco, Acre

Data: 13 a 18 de outubro de 2014.

Realização: Instituto de Mudanças Climáticas, Comissão Pró Índio do Acre, Fundação Nacional do Índio.

Povos indígenas participantes: Huni Kuĩ, Ashaninka, Shanenawa, Jaminawa, Shawãdawa, Manchineri, Yawanawa.

Parceria: Associação do Movimento de Agentes Agroflorestais Indígenas do Acre (AMAAIAC); Associação Sócio-Cultural Yawanawa (ASCY); Associação Apiwtxa do Rio Amônia; Companhia de Desenvolvimento de Serviços Ambientais do Acre (CDSA).

Coordenação: Magaly Medeiros, Vera Olinda, Laura Soriano

Participantes: Lista em anexo

Apresentação

A regulamentação do Sistema Estadual de Incentivos a Serviços Ambientais – SISA – Lei 2308- no Acre busca alcançar seu objetivo principal “de fomentar a manutenção e a ampliação da oferta dos serviços e produtos ecossistêmicos, por meio de ações que incidam em mitigar os efeitos das mudanças climáticas, como também favoreça a consolidação do novo paradigma de conservação e uso da floresta que considere a manutenção dos serviços ecossistêmicos, elencados no próprio objetivo do SISA:

- I - o sequestro, a conservação, a manutenção e o aumento do estoque e a diminuição do fluxo de carbono;
- II - a conservação da beleza cênica natural;
- III - a conservação da sociobiodiversidade;
- IV - a conservação das águas e dos serviços hídricos;
- V - a regulação do clima;
- VI - a valorização cultural e do conhecimento tradicional ecossistêmico; e
- VII - a conservação e o melhoramento do solo.

Norteados por um conjunto de princípios, entre os quais se destaca o “uso dos recursos naturais com responsabilidade e conhecimento.....,para proteção e integridade do sistema climático em benefício das presentes e futuras gerações” (Artigo 2º - I, Lei 2.308), as ações desenvolvidas no âmbito do SISA buscam efetivar apoio a iniciativas que valorizem a floresta e valorem os importantes serviços que ela provê para a sustentabilidade do planeta.

Milenarmente os povos indígenas contribuem com o equilíbrio do meio ambiente, tendo, na atualidade, se destacado no Acre pelas ações de gestão territorial e ambiental de proteção, conservação e manejo dos recursos naturais. Como estratégia de manter em alta o cenário de cobertura florestal, essenciais para proteger e regular o clima, o SISA se articula com a Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas – PNGATI, apoiando ações dos PGTA's das Terras Indígenas. Para um alcance amplo o IMC planejou em parceria com diferentes instituições indígenas e indigenistas,

em especial a CPI/Acre, FUNAI e AMAAIAC, um conjunto de ações que incidem na regulamentação do SISA, em especial as oficinas de sensibilização e informações sobre o Sistema; o apoio aos Planos de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas – PGTAs, como também a promoção e apoio ao controle social e participação indígena no SISA; a formação de agentes agroflorestais indígenas (AAFI); o apoio à implementação dos diferentes mecanismos de pagamento por serviços ambientais.

Nesse contexto diversas oficinas com lideranças indígenas foram planejadas e realizadas, com finalidade de efetivar medidas que contribuam para alcançar o objetivo geral do SISA. O presente relatório trata da oficina realizada com 35 lideranças indígenas no âmbito do Convênio Nº 003/2014, firmado entre o IMC e a CPI/Acre, tendo a FUNAI como parceira e co-coordenadora das oficinas, ancorada no Acordo de Cooperação Técnica, dando a dimensão interinstitucional a formação de indígenas.

Além deste fator, tomou -se em consideração o acúmulo de experiência e histórico de trabalho da CPI/AC, mediando os diversos processos de formação de indígenas no Acre desde os anos 80, tendo mediado a elaboração dos PGTAs, desde os seus primórdios até o presente. O desafio para a formação sobre serviços ambientais e mudanças climáticas é dar o lugar cada vez mais aprimorado para a interculturalidade buscando dialogar permanentemente com conhecimentos indígenas.

Metodologia

A oficina ocorreu de 13 a 17 de outubro, tendo uma carga horária de 38 horas. Para a definição da metodologia e conteúdos aconteceram várias reuniões entre a equipe de coordenação das instituições parceiras realizadoras. Levantadas as informações que seriam as mais relevantes para este momento de como deveria ser abordado o SISA, a partir do contexto maior das mudanças climáticas, a oficina foi organizada em uma série realizada em diferentes momentos: apresentação cultural; percepção dos participantes indígenas sobre as mudanças do clima em suas terras indígenas; trabalhos em

grupos, apresentação de filmes; exposição interativa de especialistas convidados; plenárias e considerações finais. Para todos os dias de oficina este roteiro metodológico foi seguido:

→ Abertura com apresentação cultural por povo indígena
→ No 1º dia – acordos de convivência; objetivos da oficina; apresentação do CFPF

Os demais dias

→ Abertura com apresentação cultural por povo indígena
→ Síntese do dia anterior por um ou por um grupo de indígenas
→ Percepção dos indígenas sobre mudanças climáticas
→Exibição de filmes
→Exposição interativa com um convidado externo
→Debates em plenária
→Leitura e discussão de textos afins
→Trabalho em grupo
→ Apresentação em plenária dos trabalhos em grupos
→ Encerramento do dia com avaliação e/ ou atividade extraclasse

Memória da Oficina

A oficina iniciou com a apresentação cultural, que foi um canto de abertura por Josias Maná, agente agroflorestal indígena do povo Huni Kuĩ e coordenador da AMAAIAC. Em seguida foram pactuados os acordos de convivência, sob coordenação da Francisca Arara.

Acordos:

Horários da Oficina

7 horas - Café da manhã / quebra jejum

8 horas - Início dos trabalhos na escola com apresentação cultural

10 – 10:15 horas - Merenda

12 horas - Almoço

13:30 horas - Início das atividades

3:30 – 3:45 horas - Merenda

5 horas - Encerramento do dia

Para nossa convivência

- 1) Celular no silencioso
- 2) Evitar conversas paralelas
- 3) Qualquer outra atividade externa comunicar a coordenação. Como são poucos dias sair somente em caso de urgência
- 4) Fica proibida bebida alcoólica no CFPF
- 5) Bebida tradicional entre os parentes está liberada à noite
- 6) Acreditar nos nossos trabalhos

Após, foram apresentados os objetivos da oficina a partir de uma contextualização sobre mudanças climáticas no mundo. Desta forma a oficina teve por objetivos: dar continuidade da formação de lideranças indígenas e da informação atual sobre as discussões local, nacional e global sobre mudanças climáticas, sobre as iniciativas de compensação de serviços ambientais, priorizando o SISA.

Fortalecer o papel dos indígenas em relação aos serviços ambientais para que as lideranças continuem a fazer a interlocução qualificada com o governo, referente a programas e projetos que visam compensar suas práticas tradicionais de manejo da floresta e gestão territorial e ambiental, associada aos serviços ambientais.

O momento seguinte foi o painel sobre mudanças climáticas, a partir de um olhar indígena. Joaquim Tashka, liderança Yawanawa, foi o expositor e em sua apresentação destacou: “estamos vivendo um tempo de mudanças em vários aspectos e no clima também. Quando uma comunidade ouve falar sobre mudanças climáticas já sabe que muda o clima, o calor, o frio; fica mais seco; muita chuva no tempo de verão; verão no tempo em que não é para ter seca.

Isso é mudanças climáticas. Nós, povos indígenas, somos preservacionistas e temos um papel importante na respiração da vida, no ar, no oxigênio.

A floresta para nós tem um valor de vida! E por essa vida equilibrada estão discutindo no mundo todo sobre o que fazer para manter o equilíbrio do clima. Nas oficinas que fazemos aqui temos que ter a informação sobre estas discussões. Informação é poder! É bom para o diálogo com o governo.

Nessas discussões estão entrando compensações para quem preservar a floresta, ou seja para quem presta um serviço ambiental. Eu tenho dito, já falei varias vezes, que nós preservamos nossas florestas naturalmente. Nunca desmatamos para uso fora das necessidades das comunidades. Mantemos o equilíbrio que serve para o mundo todo e não só para os indígenas. Agora é reconhecer isso e dar condições para nós continuar fortalecendo as nossas culturas, pra continuar protegendo o nosso território é mais que legítimo. Nós temos que ter as condições para proteger. Eu defendi isso e tem uma confusão ainda que é apoiar os fazendeiros que já ganhavam para derrubar, agora vão ser compensados para não derrubar. Isso e errado. E nós que nunca derrubamos e continuamos não derrubando. Tem que por isso em conta também.

Algumas perguntas da plenária para o Tashka:

- A gente já cuida da floresta, as mudanças climáticas falam de preservar a floresta, por que então o governo não demarca todas as Terras Indígenas?
- Por que não temos as condições de preservar, trabalhar com apoio certo na comunidade? Quando chega apoio não dá para atender tudo.
- Por que tudo pe negociado na cidade? A informação não chega na base. Em Feijó tem esse problema, as associações muitas das vezes não levam para a base.

O momento posterior foi a revisão das oficinas anteriores¹. Os indígenas foram convidados a apresentar o que lembravam das oficinas que participaram, mas também suas reflexões e percepções sobre mudanças climáticas.

Gilberto Yawanawa: já participei de outras oficinas e estou entendendo mais. Mudanças climáticas acontecem por causa do tempo. O tempo muda, um exemplo: nós Yawanawa estamos vendo flor no mês de abril; a “carapanã branca” não flora mais. Observei em 1986 e em 2012 confirmei. Em 2014 perdi 4 roçados porque acho que o calor aumentou. O sol não sei se baixou, não sei o que houve, mas sei que o calor aumentou. Está muito mais quente!

Jose Maria Arara: participei das oficinas e confirmei. Na minha TI teve mudança do rio em 2012. Teve uma alagação que ficou na história, foi uma alagação fora de época.

Nani Yawanawa: hoje parece que mesmo dentro da TI tem gente que não senta, não para suas coisas para observar estas mudanças que estão acontecendo. Mudança climática afeta nossa vida pelo que os outros fazem, mas também porque usamos motor, muita gasolina, querosene. Usamos mais do que se pode usar e isso afeta a natureza.

A dieta dentro da aldeia está muito mudada. O que comer de acordo com cada tempo, cada trabalho, ou cada situação não está mais tendo importância. Hoje em dia a mulher não pari mais na terra indígena. Só vai parir na cidade para ter salário maternidade. Não fazem mais a caiçuma no dia a dia da família. Na minha terra indígena se toma refrigerante. Isso afeta nossa vida, nós somos índios, temos costumes diferentes.

Hoje temos televisão, celular, parabólica, motor, barco de alumínio. Estamos esquecendo a riqueza que temos. Mudanças climáticas afeta nossas vidas e nossa cultura. O tempo [clima] para nós é ligado a natureza e a nossa cultura.

¹ Sobre esclarecimentos e informações sobre o SISA e as discussões sobre clima já foram realizadas sete oficinas com povos indígenas no Acre, para um total de 200 lideranças. As oficinas aconteceram em parceria entre o IMC com a Forest Trends, FUNAI, AMAAIAC, ASCY, CPI/Acre e contaram com apoio do Fundo Vale, Rainforest Foundation da Noruega e KfW.

Laura Yawanawa: Dentro do IMC realizamos várias oficinas sobre mudanças climáticas serviços ambientais. As observações e cuidados com a natureza, nível da chuva, as árvores, frutas, flores e biodiversidade. Os conceitos dentro das oficinas, são conceitos aplicados na prática. A floresta nos dá tudo e para os indígenas não é novidade que vocês contribuem com o clima equilibrado.

Sebastião Jaminawa: Na minha terra indígena, esse ano não deu cigarra na praia.

Francisca Arara: Mudança climática a gente chama mudança no tempo. O calor, a friagem. Nós observamos. Agora a explicação dos cientistas é mais complicado para a gente entender, mas sabemos que está mudando. Nós estamos vendo que os pássaros mudaram, a cigarra, as borboletas. Vemos isso. Aqui no sítio [Centro de Formação dos Povos da Floresta] vimos que era tudo sem nada plantado, só a terra vermelha, área degradada. A CPI conseguiu reflorestar. Hoje tem muita árvore em volta da escola, tem jardim, tem muitas espécies.

Nessa oficina nós vamos entender o que é o SISA e porque ele vem para nos beneficiar. Vamos entender o que é o GT Indígena; o que é GT; como funciona. Os projetos por serviço ambiental para a gestão territorial e ambiental das TIs não vem para dividir a gente, vem para nos deixar mais fortes. Todo projeto vem para deixar as comunidades fortes. E nós queremos fazer estes projetos tudo dentro do direito de consulta. Não é que chega uma coisa e já vamos aceitando. Não é assim, vamos entender, buscar a explicação e garantir a consulta as comunidades. O SISA é novo e é com consulta que queremos que funcione.

Os projetos tem dois tipos: um é de dinheiro, outro é de vida de ideias. De como estamos todo tempo cuidando da nossa vida, rios, lagos, da nossa floresta, das nossas casas, da educação, da saúde, das festas, nossa cultura. E para preservar conhecimento, a cultura.

Nós temos que fazer bom uso da tecnologia para conseguir estes projetos. Fazer bom uso dos recursos também. As mudanças climáticas a gente vê tudo isso.

Nani Yawanawa: Na nossa cultura yawanawa, já tinha uma história de antigamente, *Iri Husuakene*, que contava que ia ter mudança no rio. O rio mudou de direção, virou. Onde subia passou a descer. Muitos velhos contavam que o rio Gregorio subia batelão de 40 toneladas para pesar borracha. Hoje, só sobe botinho de 6, ou até de 12. Mais que isso não passa. Agora tudo das histórias de antigamente era muito da espiritualidade. Quem anda com sua espiritualidade não perde a luta. Na nossa cultura até carne de boi não é bom para nossa espiritualidade. E vejo que na TI comem muita carne de boi hoje em dia.

Laura Yawanawa: As causas da mudança climáticas são as indústria, a poluição, por isso é muito valorizado o papel dos povos indígenas, já que não desmatam a floresta.

Nani Yawanawa: Em 2012 na aldeia Mutum teve uma oficina sobre serviços ambientais. O professor falou que nós merece pagamento por serviços ambientais porque não tiramos da terra, não fura a terra para tirar ouro, petróleo.

Nossa batata sagrada, nossa reza, nossa conversa com a Jibóia. O pajé preserva tudo isso. Ele quer receber pelo serviço que ele sabe. Ele dá uma explicação porque o vento está circulando e ao circular, traz a presença dos espíritos para todo canto da Terra. O vento ajuda a plantar. Temos a macaxeira que onde está o grande espírito que me sustenta e ao meu povo.

Após as colocações dos indígenas, fez-se o paralelo da ação humana, que está acelerando as mudanças climáticas, com o ciclo natural da vida. A questão colocada é entender o que isso tem a ver com os povos indígenas, uma vez que eles não desmatam, mas ao contrario, conservam e contribuem com isso com o equilíbrio do clima. Mostramos que a ação humana está

alterando o ciclo natural das mudanças, sendo responsável pela extinção de bichos, de espécies de vegetação, pelo aumento da temperatura; seca dos rios, fogo / queimadas.

O momento posterior foi a projeção de dois filmes: Mudanças Climáticas - INPE; Abuela Grillo – Luzmila Carpio – Bolívia. -

Colocações da plenária, após os filmes:

Fatima Yawanawa: Os velhos não deixaram escritos para a gente comparar como está hoje e como era antigamente, mas contavam que ia mudar a nossa vida.

Sebastião Jaminawa: No Alto Acre há muito desmatamento do lado do Peru. Muito madeireiro. Eles mesmos falaram para nós desmatar que ia dar dinheiro. Pensamos se era isso mesmo e fomos viajar. Quando voltamos tinha ido lá IBAMA e PF e lascaram eles. Ainda bem que não fizemos o que eles disseram pra gente fazer.

Caucho: Temos um vizinho da TI, o Zé Filho, que estava desmatando. PF e IMAC foram lá, deram uma multa e ele melhorou.

Sebastião Kaxinawa: as caças estavam indo para o fundo da área. Com os AAFIs estão reflorestando, fazendo os plantios e os animais estão voltando para perto. Vamos reflorestar mais e trazer as frutas para a comunidade e os animais também. Já estamos vendo resultado do AAFI.

Doca Arara: Temos nossas capoeiras pra manejar também. Mas lá nossa preocupação é o INCRA que não estimula o pessoal dos assentamentos a manejar. Há desmatção no entorno. Assentados querem ser fazendeiros, um só assentado tem 280 cabeças de rés. Um emprestado, que nem morador é desmatou 9 hectares para colocar gado. Os igarapés estão secando. Não entra mais uma canoa de 1.500 quilos! Estamos usando a nossa TI com manejo, mas com a preocupação com o INCRA.

Nova Olinda: Temos um lago que é o nosso mercado. Hoje vemos que o peixe tem gosto ruim, é assim como gosto de perfume!

Nossa questão é que vemos que os fazendeiros de Feijó tem apoio. Eles sempre tem apoio para desmatar. E nós? Onde está o apoio para nós que não desmatamos?

Estas perguntas são importantes para fazer à representante do IMC que estará na oficina a partir do dia 15. A formação e a informação servem para isso mesmo, para se ter clareza da importância dos povos indígenas na regulação do clima; para a gente entender que os financiamentos para fazendeiro não são para apoiar desmatamento. Mas que o gado é um tipo de produção que as pessoas valorizam. Valorizam a carne, porque comem todo dia. Nós queremos mudar isso, mostrar que não é só a atividade pecuária que deve ser apoiada. Mas manejar e conservar a floresta deve ter até mais apoio, pois disso depende a vida na Terra.

Hoje o tema mudanças climáticas é de grande importância, porque se o aquecimento global não diminuir, se o calor aumentar, da maneira que está acontecendo, não vai ter vida da Terra. Então, o assunto é cuidar do planeta, mas também dar condições para que os povos indígenas e as comunidades da floresta possam viver bem com seus modos próprios de manejar.

O momento seguinte foi a síntese do dia anterior, feita por Valdo Kaxinawa, que destacou estar mais claro o estudo sobre mudanças climáticas. Mencionou as ideias centrais do dia anterior como clima e “desmatação”, falando do panorama local e global que o Tashka fez em sua apresentação. “Para o mundo está claro que nós não fazemos desmatação, então não fazemos essa mudança no mundo. Os povos indígenas protegem e não desmatam. Nós não precisamos de dinheiro. Nós não comemos dinheiro! Precisamos da natureza. Em Feijó estamos fazendo reflorestamento onde precisa. Não pode desmatar no entorno dos rios, dos igarapés, isso acaba o peixe. A água também. Nós tiramos no máximo 0,5 a 1 hectare para plantar. Estamos agora com o cuidado de recuperar nossa cultura e nossas medicinas. Também amenizar o lixo. No

município, no Porto, tem um lixo que prejudica o rio. As embarcações derramam o óleo diesel da água. Estamos vendo e discutindo na comunidade, que não pode ser assim. Mas isso não é só os indígenas não, os *nawa* fazem essa poluição também. Hoje mudou muito o comportamento dos indígenas. Também com o esclarecimento dos AAFIs. Hoje não jogam mais o feto dos bichos na água. Hoje é pensar bem o futuro”

Alguns participantes solicitaram definições de mudanças climáticas; aquecimento global; efeito estufa; biodiversidade; bioma; serviços ambientais. Desta forma, junto as informações sobre desmatamento, e sua relação com o aquecimento global, estes foram conceitos norteadores da oficina, que dialogaram com conhecimentos indígenas sobre o clima.

O momento posterior foi a exposição interativa do geógrafo Billy Felquis, da CPI/Acre, intitulada “Desmatamento no Acre e monitoramento”. A apresentação mostrou aos participantes os índices de desmatamento na região Amazônica e no Acre em particular e o seu monitoramento. Informar de forma interativa, com ajuda dos mapas, em como é realizado o monitoramento do desmatamento na Amazônia, e também apresentar dados de desmatamento dos últimos 5 anos disponibilizados pelas instituições de monitoramento.

Foram apresentados mapas que mostram dados de desmatamento na Amazônia de 2005 a 2011, e realizado uma comparação de como o estado do Acre está em relação aos outros estados da Amazônia legal em níveis de desmatamento. Na apresentação foi explicado como as imagens de satélites ajudam na detecção de áreas desmatadas na floresta Amazônica. Foi discutido sobre áreas protegidas (UCs, TIs, PARNAS etc) e a importância delas, para inibir o crescimento do desflorestamento. Apresentou informações sobre a Política Nacional sobre Mudança do Clima e o compromisso voluntário do Brasil em reduzir emissões de gases de efeito estufa até 2020. As principais consequências do desmatamento, onde conversamos sobre a importância da floresta para proteger a biodiversidade e regulação das chuvas. Os slides da exposição seguem em anexo.

Em seguida passaram aos grupos de trabalho, que se reuniram para discutir, sistematizar e apresentar a questão:

O QUE MUDOU NA MINHA VIDA E NA VIDA DA MINHA CMUNIDADE REFERENTE A: VEGETAÇÃO E CAÇA; RIOS E PESCA; ALIMENTAÇÃO E FESTAS; MEDICINA TRADICIONAL.

Apresentação dos grupos em cartazes:

Grupo 1

Na TI Igarapé do Caucho havia um remanso muito grande, que secou. Hoje cabe ate um pneu de tão seco.

Na TI Katukina / Kaxinawa a vegetação mudou. Não tem mais madeira de lei. Só tem fruta, mas estão reflorestando através do AAFI. Melhorou as festas, que antes estavam esquecidas. Estão recuperando as medicinas e não mais usando só os recursos do SUS. Também estão fazendo aração da terra para plantar no mesmo local e não ir abrindo novos locais quase todos os anos.

→ Rio, igarapés lagos e todos os afluentes ficaram muito seco com muita extinção ou escassez de várias espécies de peixe como: Dourado , Filhote de Curimatã e outros especialmente as piracema não se vê mais.

→ Muitas espécies de árvores como palmeiras e frutas estão produzindo fora de época.

→ Caça: através de muita seca, muito calor, não está comparecendo vários tipo de animais como Queixada, Porquinho, Veado.

→ Através de muito caso de escassez de animais os alimentos são comprados nos mercados como bovino, suíno, peixe e galinha. Agora banana, *atsa*, *barã sheki*, temos na Terra Indígena. Sempre a TI que fica perto da cidade é a que tem falta de alimentos.

Grupo 2

Veem a diferença no rio que está poluído. Mas somente eles, indígenas levam a culpa. Sofrem preconceito. Dizem que o índio é preguiçoso. Nós não somos, eles é que desmatam e não sabem respeitar as leis da natureza. No rio Envira, hoje quando sobe é cardume, porque piracema não tem mais. Não existe mais floresta na beira do rio. A água do rio é poluída e muitos bebem sem tratar. Na aldeia Paroá existiam dois fazendeiros, eles saram e não demos continuidade ao trabalho deles e virou capoeira, onde era so pasto. Plantamos abacate e a caça chegou de volta. Mas o rio Envira o peixe tem gosto modificado.

As mudanças

- Rio poluído, nós indígenas pegamos a culpa pela poluição.
- Chamavam o índio de preguiçoso, nós não somos, eles são quem desmata.
- Não tem mais piracema.
- Não existe mais floresta na beira do rio.
- Água do rio mais poluída e bebem sem tratar,
- Os peixes tem gosto modificado.
- Pouca caça como: queixada, anta , mutum , nambu-azul, cujubim.
- Não tem mais o costume de vizinhar como antigamente, porque hoje em dia não tem mais sobra, a comida só dá para o próprio consumo, também as família aumentaram muito.
- Hoje vemos ressecamento do leite da maniva.
- Hoje várias doenças diferentes estão aparecendo. Os pajés não conhecem essas doenças, precisam analisar, como isso as medicinas do branco é que estão sendo usadas.

Grupo 3

Não fazem mais desmate. Se em Feijó, na TI Katukina / Kaxinawa fizeram no passado era por influência negativa dos fazendeiros. Com isso no entorno do rio tem os igarapés que vão aterrando devido a desmatção. O rio raso impede a passagem dos peixes. Conseguiram vigiar os caçadores e fazendeiros na TI Katukina / Kaxinawa e hoje não tem mais estes invasores na TI. Na TI Nova Olinda há a entrada de químicos e industrializados, mas em volta da escola conseguiram plantar muitas frutíferas. De 2005 para cá as coisas estão mudando na TI. Há o resgate das festas tradicionais, há merenda regionalizada para a dieta huni kuĩ. E o uso dos remédios da mata.

Para dor de dente antigamente era so remédio da mata. Na medicina tradicional tem ate o equivalente a amoxilina.

Tem uma velhinha na TI Nova Olinda que tem o mesmo dente. Ela tem mais de 100 anos!

Na TI Katukina / Kaxinawa tem o Bruno Brandão, que tem 104 anos e ainda trabalha. Sempre comeu o açúcar natural das frutas. Hoje é muito químico.

Os velhos ainda vivem e minha avó conta que antes do sal era a pimenta. A pintura do corpo é para proteger e tinha que ser antes do sol nascer.

Mudou o clima e mudou a vida em vários sentidos. Tudo muda e a vida das pessoas muda com o tempo e nós também mudamos. Como vão dar conta dessas varias situações, se eles mesmo não fizeram nenhum mal a floresta?

Mudanças

- Não existe mais a piracema.
- Usa malhadeira para pescar. O batido do tingui é usado como cultural.
- Voltamos a fazer o manejo das plantas perto de casa.
- Voltamos a fazer as nossas festas tradicionais.
- Hoje os peixes estão com gosto modificado. Espécies estão desaparecendo, não vemos mais Dourado, nem Cuiú, nem Aruanã.

- Muitas árvores estão florando fora do tempo.
- Não tem mais friagem como no passado e tem muitas doenças no período do verão.
- Hoje perdemos roçados por causa da chuva fora de época.
- Do mês de julho a setembro está muito mais quente que no passado.

Grupo 4

Mudanças

- Rio: devido o desmatamento da floresta ciliar, o rio mudou completamente devido a degradação dos barrancos causando um grande impacto na locomoções do meios de transportes fluviais e na dificuldade da época.
- Pesca: mudou completamente o ciclo de reprodução dos peixes, ou seja, as piracemas. O homem com sua ferramenta artificial e sua ambição faz com que isso aconteça. Tem que voltar a fazer manejo de criação de peixe em lagos, açudes e igarapés ;
- Vegetação: melhora nas condições das vegetações, plantios pelos AAFIs. As comunidade indígenas já vem preservando suas florestas a milhares de ano, porém assiste algumas terras indígenas vem sendo invadidas por madeireiros.
- Caça: mudou muito devido o manejo de caças no tempo em que as caças se reproduzem, mas estamos corrigindo o manejo para o tempo certo e assim se expandido mais caça nos territórios indígenas, mesmo sendo invadidos por caçadores ilegais não indígenas.
- Alimentação: apesar de utilizarmos uma boa quantidade de produtos industrializados, o que vem prevalecendo na alimentação são produzidos naturalmente dentro das comunidades como macaxeira, banana, cana, caça, batata, frutos e frutas , etc.
- Não existe mais uma folha que usávamos para misturar com a macaxeira.

→ Festas: apenas festa tradicional cultural, embora que em algumas aldeias acontece as festas dos não índios.

→ Medicinas: valorizações da medicina tradicional que está em segundo plano dos trabalhos dos agentes de saúde, juntamente com os remédios artificiais.

Grupo 5

Mudanças

→ Rio: antes o rio eram todos fundos, tinha muitas peixes muita cobra, jacaré, tracajá. Hoje isso não existe mais por motivo de as matas ciliar, das beiradas dos rios, foram desmatadas derrubadas. Por causa de todos estes acontecimentos estamos sofrendo essa consequências .

→ Pesca: antigamente as piracemas de peixe eram de todas as espécies e tinha com muita fartura. Nós tínhamos todas essas farturas de peixe porque não existia essas coisas de desmatamento na beira dos rios. Tinha onde os peixes ficar em sua morada. Hoje não tem mais, porque os rios são muito secos e raso.

→ Vegetação: antigamente nós tínhamos fartura de muitas frutas como pama *pusavi*, açaí, vários tipos de palmeiras e hoje não tem mais, ou se tem é pouco. Passamos por uma dificuldade por motivo de que nós mesmos derrubamos as árvores, as frutas. Nós não fazíamos manejo, pois pensávamos que nunca ia se acabar. Mas hoje em dia com as orientações dos nosso AAFIs, passamos a manejar as nossas florestas.

E com isso os animais, as aves começaram a chegar para perto das aldeias de novo.

→ Caça: antigamente nós tínhamos caça com muita abundância. Saia de bando de queixada na aldeia; saia veado; porquinho vinha beber água no porto das aldeia, mas com o acontecimento de desmatamento e de invasões as caças se afastaram para muito longe. Mas hoje os trabalhos dos AAFIs, juntamente com as pessoas da comunidade, já temos as partes certas para manejar, fazer refugio e plantar, onde também temos áreas de preservação.

→ Nossa alimentação de antigamente eram muquiados de carne assada, macaxeira assada, banana assada, mas hoje já é diferente as nossa alimentação é carne cozida na panela de pressão, hoje come frito ao óleo de soja, muito enlatados, enfim nas aldeias estão consumindo muita alimentação industrializado.

→ Cultura: no ano antepassado nossa festa eram somente festa tradicional com muita brincadeira. Mas hoje na nossa comunidade exista muita festa do branco como forró, mas hoje já estamos resgatando as nossas festas tradicional.

→ Antigamente quando uma pessoa adoecia na aldeia procuravam o nosso pajé para curar, mas hoje perdemos muito esse costume de curar as doenças com as medicinas tradicionais. Já temos um costume de quando uma pessoa ficar doente procuramos os nosso ACIS, ou o médico. Usamos muito remédio farmacêutico, muito antibiótico forte que causa problema até para a saúde e nossos prejuízo crianças como estragar os dentes.

→ Hoje tem divisão da comunidade por causa da escassez de alimento como caça e pesca.

→ Crescimento das populações e a seca faz perder comida dos roçados tradicionais.

→ Hoje tem a desvalorização das parteiras ,

→ Tem pouco uso do *Kupixawa*, mas estamos recuperando o uso.

As apresentações mostram a interrelação entre as pessoas e a natureza. Apresentam relação direta com gestão territorial e ambiental das terras indígenas, os modos de vida, as culturas. A partir desta observação destacamos nas apresentações os itens que mais afetam as comunidades para pensar em apoio concreto a ações que revertam a situação de perdas e danos, associadas aos PGTAs e a serviços ambientais.

O momento posterior foi uma exposição interativa do Prof. Foster Brawn, que tem um aprofundado estudo sobre eventos extremos e apoia comunidades da floresta e instituições públicas em ações de sensibilização, monitoramento sobre clima e eventos extremos.

O que segue abaixo é uma síntese de aspectos da exposição. A exposição completa segue em slides em anexo. O Professor Foster começou enfocando a oportunidade de reverter uma situação anunciada, como a oportunidade das oficinas. Depois, mencionou os efeitos do abordando a causa do desmatamento no clima.

Fez uma dinâmica pedindo que cada um dos participantes fizesse perguntas que queriam sobre mudanças climáticas.

O que é mudanças climáticas?

Desmatamento e mudanças climáticas, o que um tem a ver com o outro?

O que podemos fazer para reverter esse circuito?

Apresentou a partir de entender o problema e buscar soluções.

→ Solucionologia

→ Problematologia.

Por que está acontecendo mudanças climáticas?

Onde é nossa casa? Todos respondem que é na terra indígena e na aldeia.

Qual a casa de todos nós? O mundo.

Faz uma experiência do efeito estufa. Calor e evaporação.

Nesta experiência mostra uma foto de um cachorro e de um o rabo. Mencionando que o cachorro é a mudança climática e o rabo é REDD. Um é parte do outro.

O que estão fazendo para mudar a situação?

Algumas respostas dos indígenas:

- Reutilizando as capoeiras;
- Vigiando a TI para denunciar fazendeiro que queima;
- Manejar os recursos naturais;
- Ter as informações corretas, se não estivesse vindo aqui não ia saber desse assunto;
- Os AAFIs devem levar adiante esse trabalho;
- Levar a informação para a aldeia e ter parceria;
- Juntar as técnicas de vocês [não indígenas] com as nossas.

Os passos para solucionar as mudanças são estes de fazer menos estrago. Diz que quer formar 6 gerações, que no passado houve eventos extremos muito fortes e os indígenas resistiram. Agora se pensa em 1 ano, 5 anos e 50 anos. Esta direção é que poderá mudar a situação de hoje referente ao clima.

È para mudar temos que rever modos de produção e padrão de consumo. E explica aos participantes.

O momento seguinte foi as apresentações do SISA, por Magaly Medeiros e do papel da CDSA nos projetos do Programa ISA Carbono. O Programa em funcionamento no âmbito jurisdicional do SISA.

No geral as apresentações foram dinâmicas, com filmes, debate, colocações abertas da plenária e destacaram: O conceito de serviços ambientais – benefícios que as pessoas obtém da natureza, a fim de sustentar a vida no planeta;

O SISA reconheceu e está valorizando quem conserva a floresta. E um Sistema que está funcionando, que aplica na prática uma economia de baixo carbono. Explicam o que é carbono e o ISA Carbono do SISA;

A importância essencial de construir as salvaguardas. A construção de salvaguardas foi apresentada como relato de experiência apresentado pelo Prof. Pavel Jezek, ponto focal do Projeto REM no IMC;

Apresenta o SISA que existe para valorar e quantificar os serviços ambientais. O SISA é um programa jurisdicional, ou seja é estadual. Gera benefícios a quem cuida da floresta;

Busca para desenvolver técnicas que reduza a atividade predatória da pecuária;

A floresta somente teve custo / valor derrubada e é preciso mudar essa visão;

A cada hora uma área de floresta do tamanho de um estádio de futebol é derrubada. Um campo de futebol tem quase 1 hectare;

O SISA é uma lei para apoiar quem não derruba;

REDD é um crédito que se criou a partir do fato de que se respeita a floresta;

REDD do SISA é jurisdicional, é do estado inteiro, ou seja a captação de recursos é para todos e a distribuição é para todos;

Apresentação do projeto REM, cuja doação é do KfW;

→ As apresentações em slides da Magaly Medeiros, diretora presidente do IMC, e de Alberto Tavares, diretor presidente da CDSA e do Pavel Jezek, seguem como anexo a este relatório.

O momento posterior foi a apresentação do GT Indígena da CEVA, por Laura Soriano, técnica do IMC.

A apresentação abordou a composição do GT, sua finalidade e objetivo. Seu caráter consultivo, suas competências e funcionamento; o que o GT fez desde sua criação até o presente. O GT segue os princípios do direito inalienável; do equitativo para qualquer ação que vé ser realizada em Terra Indígena, sob a gerencia, recomendação ou monitoramento do SISA.

Vera Olinda complementou recuperando a historia de criação do GT Indígena; avaliação sobre o funcionamento; revisão dos critérios para que uma associação seja membro do GT Indígena.

Após, a plenária se manifestou com diversas colocações e perguntas:

Sebastião Jaminawa- O clima está transformado e para fazer alguma coisa temos que ser mais informados do SISA e do GT. A associação vem para a cidade e não repassa Então tem que chamar a gente, ou ir na Terra Indígena.

Nelson Feijó – Precisamos passar a segurança para todos na aldeia. Por que é uma coisa nova e temos que participar, nós da base.

Zé Maria – As lideranças na cidade não informaram direito.

O governo já usou o carbono? Como está isso?

Fatima Yawanawa – Como a gente fica nisso? É uma das coisas que o povos indígenas teve. Aqui já pertence a eles e nós? Ou vai para quantas associações? Porque tem que entender como funciona da aldeia. Sou da aldeia Yawarani que tem 9 famílias e não chegou isso lá.

Pedimos carro, motores, etc, o governo dá, mas isso não resolve.

Nelson Kaxinawa – Hoje já tem muitos índios fazendo desmatção porque precisa sobreviver. Estes apoios tem que ter a informação da base. .

Após o debate em plenária formaram – se grupos de trabalho para discutir, sistematizar e apresentar as seguintes perguntas orientadoras:

- 1) O que é o SISA ?
- 2) Quais as contribuições dos povos indígenas para o SISA?
- 3) O que é o Grupo de Trabalho Indígena de serviços ambientais?
- 4) Como você acha que o GTI deve funcionar?

Os resultados dos trabalhos em grupos, como também a avaliação estão digitalizadas em anexo.

Considerações finais

Mais uma vez a contribuição indígena para abordar um tema tão novo e também polêmico foi muito positiva. Para nós é fato que os espaços de formação e as reuniões de informação são indispensáveis no trabalho com os povos indígenas. A apropriação do tema mudanças climáticas e serviços ambientais, bem com a apropriação sobre o SISA, para que se consiga efetivar intervenções de qualidade em sua regulamentação e monitoramento, deve ter um perfil definido específico para os indígenas, com critérios de competências e atribuições bem claras para atuar na comunidade, como também no GTI e demais espaços sobre clima.

Durante toda a oficina apareceu as questões de repartir benefícios, o enfrentamento das lacunas entre quem mora na cidade e quem mora na floresta e as questões da representação pelas associações. As colocações neste sentido nos permitiu atualizar o estado atual do alcance das associações e a inserção de um público maior no SISA, como beneficiários.

Me parece ser necessário continuar a realizar oficinas e reuniões com lideranças indígenas e profissionais de diferentes setores para aprimorar a política, o sistema e o direito de participação, tão fundamental para questões essenciais como mudanças climáticas e os programas a serem criados no SISA.

Vera Olinda Sena de Paiva

Co-coordenadora da Oficina e relatora

ANEXOS